

CARTOGRAFIAS ESQUIZODRAMÁTICAS: Relato de experiências e vivências com a pesquisa-intervenção psicossocial na educação

Fernanda de Souza Vilela¹
Luiz Henrique Gonçalves Souza²
Reinaldo da Silva Junior³
Mara Salgado⁴

RESUMO

Este relato de experiência aborda a implementação de processos grupais analítico-institucionais e esquizodramáticos em uma escola pública de Divinópolis-MG, como parte do projeto *Construindo uma práxis de pesquisa-intervenção psicossocial na educação*. A proposta fundamenta-se na Análise Institucional e no Esquizodrama, metodologias que permitem a autoanálise e a autogestão dos coletivos escolares, promovendo reflexões sobre as relações institucionais e subjetivas no contexto educacional. As intervenções foram conduzidas com estudantes, docentes e trabalhadores da escola, totalizando aproximadamente 40 práticas grupais, nas quais emergiram questões sobre as dinâmicas de poder, os desafios pedagógicos e as demandas psicossociais do ambiente escolar. O mapeamento do território escolar e da comunidade possibilitou a construção de estratégias contextualizadas para o fortalecimento da rede de apoio e a ampliação da participação ativa dos sujeitos envolvidos. Os resultados apontam para a potência dos processos grupais como dispositivos de escuta, construção coletiva e reinvenção das práticas educacionais, promovendo a criação de espaços mais democráticos e inclusivos.

Palavras-chave: Intervenção Psicossocial; Psicologia Escolar e Educacional; Análise Institucional Esquizodramática; Cartografia Esquizodramática; Psicologia Social.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais / Unidade Divinópolis; Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental de Alta Performance pela Faculdade Iguaçu; Pós-graduanda em Esquizodrama, Esquizoanálise e Análise Institucional pela Faculdade Faciência / Instituto Gregorio Barembliitt - PR/MG; Pesquisadora do Projeto Construindo uma práxis de pesquisa-intervenção psicossocial na educação - FAPEMIG Edital N° 09/2024. E-mail: psicologafernandavilela@gmail.com;

² Mestrando em Educação e Formação Humana na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais / FAE/UEMG; Pesquisador do Projeto Construindo uma práxis de pesquisa-intervenção psicossocial na educação - FAPEMIG Edital N° 09/2024. E-mail: clinicapotenciacoletiva@gmail.com;

³ Coordenador e Professor do departamento de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG / Unidade Divinópolis. Pesquisador do Projeto Construindo uma práxis de pesquisa-intervenção psicossocial na educação - FAPEMIG Edital N° 09/2024. E-mail: reinaldo.junior@uemg.br

⁴ Professora do departamento de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG / Unidade Divinópolis. Coordenadora do Projeto Construindo uma práxis de pesquisa-intervenção psicossocial na educação - FAPEMIG Edital N° 09/2024. E-mail: marasalgado.ms@gmail.com

1. INTRODUÇÃO - PISTAS DE TRAVESSIAS

A promoção de práticas educativas que valorizem a subjetividade, as emoções e as dinâmicas sociais presentes no ambiente escolar tem se mostrado essencial para a construção de uma educação democrática, inclusiva e emancipadora. A escola, entendida aqui como território de encontros e atravessamentos, é também espaço de produção de subjetividades e processos de subjetivação, de relações de poder e de invenções cotidianas. É nesse cenário que emergem a Análise Institucional e o Esquizodrama como dispositivos ético-estéticos-políticos capazes de produzir deslocamentos, escutas e novas formas de pensar-fazer educação.

Entre as abordagens contemporâneas das ciências humanas e da educação, essas metodologias se destacam por favorecerem a autoanálise e a autogestão dos coletivos, convocando os sujeitos a reconhecerem-se como coautores das realidades que habitam (Lourau, 1995; Baremblytt, 2002). Em vez de buscar soluções normativas, propõem um campo de experimentação em que o conflito, o afeto e a diferença tornam-se matérias de criação coletiva. Nessa perspectiva, o corpo e a palavra se encontram, e o ato educativo deixa de ser mera transmissão de conhecimento para tornar-se uma experiência de cuidado e invenção.

O presente relato de experiência insere-se no contexto do projeto “Construindo uma práxis de pesquisa-intervenção psicossocial na educação”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), dentro do Edital nº 09/2024 – Fortalecimento e Consolidação da Pesquisa na UEMG e UNIMONTES. A pesquisa, desenvolvida em uma escola pública estadual de Divinópolis-MG, quando iniciada faz uma travessia ampliada a partir de contribuições de estagiárias/os/es em um treinamento para pesquisadoras/es, e logo integra a um corpo coletivo chamado de Projeto ARAR (Ação-Reflexão-Ação-Reflexão), que articula ensino, pesquisa e extensão a partir de uma práxis psicossocial fundamentada em quatro eixos: processos grupais analítico-institucionais e esquizodramáticos, mapeamento psicossocial, elaboração de produtos científicos e restituição social. As ações aqui relatadas foram conduzidas com estudantes, professores e trabalhadores da escola, totalizando cerca de 40 (quarenta) práticas grupais realizadas ao longo do processo de campo. Em cada uma delas, buscou-se instaurar dispositivos de análise coletiva,

espaços de fala e escuta, dramatizações, movimentos e experimentações corporais que permitissem aos participantes revisitar suas histórias, conflitos e potências.

O que se pretende, portanto, não é descrever uma metodologia fechada, mas cartografar os modos de existir e de criar que emergem quando o cotidiano escolar se torna campo de pesquisa-intervenção.

O artigo tem como objetivo principal refletir sobre a potência dos processos grupais esquizodramáticos e analítico-institucionais na construção de práticas educativas mais democráticas, sensíveis e inventivas. Parte-se da compreensão de que a escola é também uma instituição que precisa ser analisada, escutada e reinventada a partir de dentro, por meio da participação ativa de seus sujeitos. Assim, este estudo busca contribuir para o fortalecimento de uma psicologia escolar crítica e para a consolidação de metodologias de cuidado e formação em rede.

A questão norteadora que atravessa o trabalho é: como os processos grupais podem favorecer a autoanálise e a autogestão em coletivos escolares, promovendo práticas educativas emancipatórias e afetivas? Para responder a essa pergunta, este relato propõe uma leitura do campo a partir de sua materialidade viva — o corpo, o som, a memória, o desejo, em diálogo com as epistemologias da diferença e com o pensamento esquizoanalítico latino-americano.

Nessa direção, a Análise Institucional e o Esquizodrama são compreendidos não apenas como métodos, mas como modos de habitar o mundo e produzir conhecimento, operando deslocamentos éticos, estéticos e políticos nas relações entre pesquisa, ensino, extensão e vida. É nessa dobra entre o fazer e o sentir, entre o gesto e o pensamento, que se desenha a cartografia aqui apresentada — uma cartografia esquizodramática das práticas de intervenção psicossocial na educação pública, onde cada encontro é também um começo. As experiências desenvolvidas no campo foram conduzidas por uma equipe transdisciplinar composta por pesquisadoras(es), docentes, psicólogas(os), estudantes e extensionistas vinculados à Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG - Unidade Divinópolis e ao Instituto Gregorio Barembliitt - IGB. Essa composição múltipla e afetiva possibilitou a criação de um espaço de aprendizado compartilhado, em que o ato de pesquisar se entrelaça ao ato de formar-se e transformar-se no encontro com o outro.

Mais do que aplicar técnicas, o grupo se implicou no campo, deixando-se afetar pelos movimentos institucionais e pelas narrativas escolares. Cada encontro tornou-se

um exercício de co-análise e invenção, onde o pensamento se fazia corpo e o corpo se fazia pensamento — em uma pedagogia do sensível, que aposta na potência da escuta, da dramatização e da criação coletiva.

Nessa perspectiva, a pesquisa-intervenção psicossocial não se limita à observação ou diagnóstico, mas propõe um agir-pensar cartográfico, que acompanha os fluxos de vida e as linhas de força que atravessam a escola. A partir das práticas grupais e esquizodramáticas, a equipe buscou instaurar espaços de análise e de liberdade, nos quais fosse possível tensionar o instituído e acolher o instituinte — aquilo que pulsa, escapa e resiste nas experiências cotidianas.

Segundo René Lourau (1995) e Gregorio Barembliitt (2002): o *instituído* representa o campo da estabilidade, da conservação, da ordem vigente — mas que, por sua própria natureza, convive permanentemente com o *instituinte*, a força criadora e transformadora que o atravessa.

Ao compreender o processo de pesquisa como ato político e estético, o projeto articula a reflexão teórica à experimentação prática, reconhecendo a escola como território vivo, em permanente movimento e transformação. A cada roda de conversa, dramatização ou encontro analítico, a equipe se reconhecia também como parte da instituição, atravessada pelas mesmas forças que analisava. Essa implicação ética produziu uma prática de intervenção dialógica, que se fazia junto e com, rompendo a lógica vertical entre pesquisador e campo.

Dessa forma, o trabalho coletivo não se constituiu apenas como metodologia de pesquisa, mas como dispositivo de formação e cuidado, abrindo passagens entre o individual e o coletivo, o subjetivo e o institucional, o pedagógico e o clínico. Foi nesse entre-lugar — de escuta, criação e resistência — que se desenharam as cartografias esquizodramáticas aqui relatadas: mapas vivos de uma educação que se pensa e se reinventa no próprio movimento de existir.

2. PASSOS SOBRE A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pensar a escola como território de vida, afeto e invenção exige deslocar o olhar das práticas tradicionais de ensino-aprendizagem para modos de existência que compreendam o sujeito em sua totalidade — histórica, social, política e sensível. Nesse horizonte, a Análise Institucional, o Esquizodrama e a Pedagogia Clínica se apresentam como dispositivos potentes de leitura e transformação da realidade educacional,

articulando o ético, o estético e o político na produção de novos modos de cuidar, aprender e conviver.

A Análise Institucional (AI) nasce na França, nos anos 1960, com René Lourau e Georges Lapassade, e chega à América Latina como uma prática política e de resistência. Sua perspectiva rompe com o olhar neutro da ciência tradicional, propondo uma análise implicada, que considera os atravessamentos do pesquisador e os jogos de poder presentes nas instituições. Como destaca Baremlitt (2002), a AI não busca diagnosticar, mas revelar o que as instituições silenciam: os conflitos, as hierarquias, os desejos e as forças que produzem e reproduzem o cotidiano.

No contexto educacional, a escola é compreendida como uma instituição viva, atravessada por contradições entre o instituído — o que se cristaliza em normas e rotinas — e o instituinte — as forças inventivas e transformadoras que emergem dos sujeitos e dos coletivos (Lourau, 1995). Nesse movimento, o trabalho analítico não se faz de fora, mas no entre-lugar do vivido, reconhecendo que toda prática educativa é também uma prática política e institucional.

Ao adotar a Análise Institucional como orientação teórico-metodológica, este estudo compreende que o processo educativo não é apenas uma transmissão de saberes, mas um campo de produção de subjetividades. Assim, a autoanálise e a autogestão tornam-se práticas essenciais de emancipação, nas quais os sujeitos aprendem a reconhecer as estruturas que os atravessam e a criar brechas de transformação coletiva. A AI, portanto, possibilita deslocar a Psicologia Escolar de um modelo clínico-individualizante para uma postura crítica e contextualizada, em que a escuta do grupo e o trabalho coletivo substituem a lógica do encaminhamento e da adaptação.

O Esquizodrama, desenvolvido por Gregorio Baremlitt a partir da década de 1970, constitui uma criação latino-americana inspirada na Esquizoanálise de Deleuze e Guattari (1980). Trata-se de uma clínica com “K” de klinamen, palavra grega que significa desvio criador, movimento mínimo que altera toda uma trajetória. O Esquizodrama propõe um trabalho com o corpo, a cena e a afetividade, instaurando espaços simbólicos e expressivos em que os sujeitos possam dramatizar e ressignificar experiências, desejos e conflitos.

Mais do que uma técnica, o Esquizodrama é uma ética do encontro. Ele desloca o foco da interpretação para a experimentação, abrindo possibilidades para que o corpo fale, crie e se reconheça como território de invenção. Nas práticas grupais realizadas no

campo escolar, essa metodologia revelou-se fundamental para ampliar o sentido do que é educar e aprender, convocando a arte e a sensibilidade como formas de análise institucional.

Cenas improvisadas, jogos corporais, dramatizações e silêncios tornaram-se meios de expressão coletiva, em que o afeto e o riso se tornaram analisadores tão potentes quanto o conflito ou o discurso. Assim, o Esquizodrama contribui para contra colonizar o espaço escolar, permitindo que corpos e vozes historicamente silenciados encontrem formas próprias de enunciação e criação.

Nesse sentido, o Esquizodrama e a Análise Institucional se entrelaçam na proposta de uma psicologia social da invenção, na qual o grupo é compreendido como dispositivo vivo de transformação. Em cada encontro, o grupo dramatiza o mundo e, ao mesmo tempo, o refaz — instaurando micropolíticas do sensível e criando modos outros de existir no espaço escolar.

A Pedagogia Clínica, formulada por Margarete Amorim (2010, 2014), emerge como uma pedagogia da escuta e da presença, que valoriza o corpo, o vínculo e o afeto como dimensões constitutivas do aprender. Diferente das pedagogias disciplinares, que buscam o controle e a normatização dos corpos, a Pedagogia Clínica propõe uma pedagogia da vida, voltada à criação de espaços em que o sensível e o coletivo sejam reconhecidos como formas legítimas de conhecimento.

Essa pedagogia nasce de uma experiência de resistência à fragmentação entre corpo e mente, razão e emoção, sujeito e mundo. Ao aproximar o campo educativo da clínica esquizoanalítica, Amorim propõe um fazer pedagógico rizomático, no qual a aprendizagem se dá no encontro, na diferença e no afeto. Assim, o corpo deixa de ser apenas suporte da cognição para tornar-se matriz sensível de experiência e invenção.

As pedagogias do corpo e dos afetos, articuladas à Pedagogia Clínica, propõem uma contracolônização das práticas educacionais, deslocando o olhar das métricas de desempenho para as potências singulares de cada sujeito. Nessa perspectiva, o aprender é entendido como movimento e respiração — um processo coletivo de criação e cuidado. Ao reconhecer o corpo como campo de escuta e linguagem, essa pedagogia rompe com a lógica hierárquica e abre espaço para uma educação que sente, escuta e se transforma.

A articulação entre Análise Institucional, Esquizodrama e Pedagogia Clínica aponta para uma educação rizomática, que se reinventa na transversalidade entre arte,

política e cuidado. Trata-se de uma ecologia do pensamento e da prática, em que o grupo é o solo vivo onde se cultivam processos de subjetivação e resistência. Essa fundamentação, mais do que um conjunto de teorias, constitui um modo de estar-com o outro — de produzir conhecimento comprometido com a vida, a diferença e o comum.

3. PERCURSO METODOLÓGICO: Dispositivos e Processualidades

A abordagem metodológica adotada é qualitativa, de natureza cartográfica e interventiva, inspirada nos pressupostos da pesquisa-intervenção (Rocha & Aguiar, 2003; Passos, Kastrup & Escóssia, 2015). Tal perspectiva compreende o campo de pesquisa como território vivo, no qual o pesquisador não se posiciona como observador externo, mas como parte do processo, implicando-se eticamente nas forças que compõem o coletivo. Nesse sentido, pesquisar é intervir, e intervir é pesquisar, num movimento contínuo de análise, criação e restituição.

As ações foram conduzidas por uma equipe transdisciplinar e interinstitucional, essa composição múltipla garantiu a diversidade epistemológica e afetiva necessária à construção de uma práxis coletiva. Cada integrante ocupou simultaneamente o lugar de aprendiz e pesquisador, operando um campo de formação e co-análise em que o saber circulava entre todas/os/es.

O campo empírico da pesquisa é uma escola pública estadual de Divinópolis-MG, situada em um território marcado por vulnerabilidades sociais, mas também por intensas redes de solidariedade e resistência. O trabalho se desenvolveu em diálogo com estudantes, professores, equipe gestora e demais trabalhadores da escola, sempre em uma perspectiva de cooperação e corresponsabilidade. A escolha desse espaço foi orientada por critérios ético-políticos, vinculados à necessidade de promover práticas de cuidado e escuta nos contextos públicos de educação básica.

O percurso metodológico foi estruturado a partir de três dispositivos centrais: Análise Institucional, Esquizodrama e Processo Grupal. Cada um deles não é apenas um método técnico, mas um modo de existir e produzir sentido. Juntos, formam uma trama de práticas que se entrecruzam, instaurando um território de experimentação coletiva, de escuta e invenção.

A Análise Institucional orientou o trabalho de campo como ferramenta de leitura e desvelamento dos analisadores institucionais, ou seja, dos acontecimentos e emergências que revelam as forças e contradições da escola. A cada reunião, roda de

conversa ou atividade formativa, eram provocados momentos de autoanálise coletiva, em que os participantes refletiram sobre suas práticas, implicações e afetos em relação ao trabalho educativo. Essa metodologia permitiu identificar os jogos de poder, as hierarquias invisíveis e os atravessamentos entre o instituído e o instituinte — as forças que sustentam e, ao mesmo tempo, tensionam o cotidiano escolar.

O Esquizodrama, desenvolvido por Gregorio Baremlitt (2002), trouxe à cena a dimensão corporal, simbólica e estética da pesquisa. Por meio de dramatizações espontâneas, jogos de improvisação, narrativas corporais e cenas criadas a partir de situações vividas, os sujeitos puderam expressar afetos, desejos e conflitos de forma criativa. Esses encontros constituíram espaços de fala e de corpo, onde a palavra e o gesto se entrelaçaram, possibilitando a emergência de novas narrativas sobre o viver e o aprender. O objetivo não era interpretar, mas produzir deslocamentos, abrindo brechas para a invenção de outros modos de estar junto na escola.

O processo grupal constituiu o eixo integrador da pesquisa, funcionando como dispositivo de co-análise e de autogestão coletiva. Inspirado nas contribuições de Pichon-Rivière (1974), Baremlitt (2012) e Amorim (2010), o grupo foi concebido como um organismo vivo, capaz de refletir sobre si mesmo, produzir sentidos e sustentar o comum. Cada grupo operava como um microcosmo institucional, onde emergiam as tensões entre norma e desejo, autoridade e liberdade, rotina e invenção. Nesses espaços, o riso, o silêncio e a emoção assumiam valor analítico, revelando dimensões da vida institucional frequentemente invisibilizadas pelos protocolos pedagógicos.

O acompanhamento das práticas foi realizado por meio de cartografias de processo, registradas em diários de campo, narrativas de afetos e devolutivas coletivas.

A cartografia, nesse contexto, não é mera descrição, mas um ato de criação e posicionamento ético: ela acompanha as variações do campo, registrando o que se transforma, o que resiste e o que escapa. Cada encontro foi registrado não para fixar o vivido, mas para dar visibilidade às forças que compõem o processo — as alianças, resistências, invenções e afetos compartilhados.

A implicação ética da equipe foi entendida como coexistência, não como neutralidade. Estar no campo significou abrir-se para o afeto, o risco e o desconhecido, reconhecendo que o pesquisador também é afetado e transformado pela experiência. Assim, a metodologia se constituiu como um processo de cuidado mútuo, onde

pesquisar tornou-se também um modo de estar com o outro e de reinventar a própria prática.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste trabalho não se apresentam como dados conclusivos, mas como processos em movimento — efeitos de encontros, afetos e forças que atravessaram a escola e a equipe. A perspectiva esquizoanalítica e institucional acompanha o que se desloca, o que se desestabiliza e o que se inventa no percurso, produzindo trilhas de transformação e rastros de vida.

Durante a intervenção, a escola revelou-se como território de multiplicidades, onde convivem práticas cristalizadas e potências de criação. Nas rodas e dramatizações, emergiram analisadores que evidenciaram cansaço, sobrecarga e ausência de escuta, mas também gestos de cuidado, solidariedade e riso — expressões de uma força instituinte que insiste em criar brechas no instituído. A Análise Institucional permitiu reconhecer esses analisadores não como falhas pessoais, mas como efeitos institucionais, transformando o sofrimento em potência coletiva.

O Esquizodrama trouxe ao campo a dimensão do corpo como linguagem e pensamento. As dramatizações espontâneas transformaram a escola em laboratório sensível, onde o gesto e o silêncio comunicavam o que o discurso não alcançava. Essa experiência corporal e estética configurou uma pedagogia do sentir, na qual o grupo, orientado por uma ética da escuta e da implicação, tornou-se dispositivo de cuidado e invenção. As transformações, embora sutis, indicam a emergência de uma nova ética do comum, uma educação que valoriza o sensível, o coletivo e o cotidiano como territórios de criação.

5. CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES

As experiências aqui relatadas apontam para a potência das práticas grupais analítico-institucionais e esquizodramáticas como dispositivos de invenção, cuidado e transformação no campo da educação. Mais do que um conjunto de técnicas, o que se construiu foi uma práxis viva, movida pela escuta e pela implicação, em que a pesquisa deixou de ser instrumento de observação para tornar-se ato de presença e co-autoria com o território. A escola, nesse percurso, revelou-se como espaço de criação e resistência, onde o cotidiano se faz matéria de análise e o corpo se torna linguagem de

pensamento. Ao experimentar cenas, dramatizações e rodas de conversa, a equipe e os participantes encontraram novas formas de se reconhecer e de se implicar nos processos coletivos.

A autogestão e a autoanálise, princípios centrais da Análise Institucional, manifestaram-se nos pequenos gestos de reorganização, nas decisões compartilhadas e na reinvenção dos vínculos entre os sujeitos. Cada encontro, ao seu modo, produziu deslocamentos éticos e estéticos, abrindo passagens para que a educação se tornasse também espaço de cuidado com o sensível e com o comum.

O Esquizodrama mostrou-se uma linguagem do corpo que atravessa a razão e o discurso. Ao criar espaços simbólicos e expressivos, ele possibilitou que afetos e memórias silenciadas encontrassem lugar de enunciação, revelando a força criadora dos sujeitos que compõem a escola. Essas práticas reafirmam que o ato educativo é, antes de tudo, um ato político e poético, um gesto de resistência à desumanização e à fragmentação da experiência.

A Pedagogia Clínica, por sua vez, permitiu compreender a formação como gesto de cuidado. Ao aproximar o campo educativo do campo clínico, dissolvem-se as fronteiras entre ensinar e escutar, entre intervir e ser afetado. Nesse sentido, a pesquisa-intervenção aqui descrita inscreve-se no horizonte de uma educação ética, estética e coletiva, que reconhece o outro não como objeto de ação, mas como coautor de processos de vida e pensamento.

Ao longo da trajetória, tornou-se visível que transformar a escola não é apenas modificar estruturas, mas reconfigurar os modos de sentir e de se relacionar. As práticas grupais e corporais instauraram uma outra temporalidade — mais lenta, mais sensível, mais respirável. Essa dimensão temporal, que emerge como pausa, constitui o que podemos chamar de uma Ecologia da Pausa: um tempo de elaboração, de escuta e de criação, onde o aprender deixa de ser desempenho e volta a ser experiência. A pausa, nesse sentido, não é interrupção, mas respiração do processo — o intervalo onde a vida pode se reorganizar e a invenção pode florescer.

Assim, as cartografias esquizodramáticas produzidas neste percurso revelam que a educação, quando atravessada pela análise institucional e pela escuta do corpo, torna-se território transversal e fértil para a emergência de práticas mais democráticas, sensíveis e emancipadoras.

O que se produziu não foi apenas um conjunto de resultados, mas um modo de estar com o mundo, em que pesquisar é cuidar, e cuidar é também criar.

Entre a palavra e o silêncio, entre o gesto e o pensamento, a escola se redesenha como espaço de potência e respiração — lugar onde o cotidiano se faz arte e onde o comum se torna possível.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho integra o projeto “*Construindo uma práxis de pesquisa-intervenção psicossocial na educação*” (APQ-04854-24), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, por meio do Edital nº 09/2024 – Fortalecimento e Consolidação da Pesquisa na UEMG e UNIMONTES. Agradecemos a coordenação deste projeto e toda à equipe de pesquisadoras/es, à escola parceira, às/os estudantes, docentes e trabalhadoras/es pela participação e co autoria deste percurso coletivo, bem como a Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG pelo financiamento desta inovação tecnológica, à Universidade do Estado de Minas Gerais -Unidade de Divinópolis, a equipe da Potência Coletiva: Clínica Transdisciplinar e ao Instituto Gregorio Baremlitt (IGB) pelo apoio institucional.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Margarete Aparecida. *Pedagogia Clínica: a arte de cuidar e aprender com o outro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

AMORIM, Margarete Aparecida. *Pedagogias do corpo e dos afetos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BAREMBLITT, Gregorio. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5. ed. Belo Horizonte: Instituto Gregorio Baremlitt, 2002.

BAREMBLITT, Gregorio. *Introdução à Esquizodrama*. Belo Horizonte: Instituto Gregorio Baremlitt, 2012.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.32-50 / 131-149.

BASAGLIA, Franco. *A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

COIMBRA, Cecília M. B. *Guia de análise institucional e esquizoanálise: dispositivos de implicação e resistência*. Rio de Janeiro: UFF, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 21. ed. Campinas: Papirus, 1990.

LOURAU, René. *O instituído e o instituinte*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

MERHY, Emerson Elias. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. São Paulo: Hucitec, 2002.

MORAES, Maria Lúcia de Souza Campos. *Esquizoanálise e educação*. Campinas: Papirus, 2004.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. **Pesquisa-intervenção e a produção de novas práticas de conhecimento**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

SAWAIA, Bader Burihan. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.